

O INCONSCIENTE NA PRIMEIRA VERSÃO DO ROMANCE *QUINCAS*

BORBA, DE MACHADO DE ASSIS

Janáína Tatim, autora (UNICAMP)

Jefferson Cano, orientador (UNICAMP)

Resumo: Este trabalho apresenta resultados parciais de minha pesquisa de dissertação de mestrado. O recorte aqui apresentado discute o aparecimento de uma noção de inconsciente na primeira versão do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, o que buscamos compreender a partir de três frentes de investigação. A primeira diz respeito ao levantamento quantitativo e qualitativo da noção em toda a obra romanesca de Machado, a partir do que foi possível constatar que nessa versão do romance há não apenas a maior recorrência da noção, como o estabelecimento de um uso conceitual da ideia de inconsciente. A segunda frente de investigação relaciona o recurso à noção de inconsciente com uma problemática mais ampla da poética machadiana, formalizada pela questão de como a literatura pode apresentar personagens com estatuto de pessoas humanas e morais, o que se formulou enquanto problema ético e estético quando o autor faz sua crítica à poética naturalista. Como resposta, na primeira versão do *Quincas Borba*, Machado aprofundou diversos aspectos psicológicos, seja do ponto de vista temático, seja do ponto de vista técnico, sendo o recurso ao inconsciente parte dessa investida. Finalmente, a terceira frente de investigação trabalha as evidências de um possível diálogo de Machado com a obra do filósofo alemão, Eduard von Hartmann, *Philosophie de l'Inconscient* – *best-seller* das últimas décadas do século XIX que propunha a conciliação de duas visões de mundo antagônicas: o idealismo metafísico e o *boom* das ciências naturais. Articulando essas três frentes, discutirei o sentido singular do conceito na primeira versão do *Quincas Borba*. O que ele diz sobre a apresentação dos personagens enquanto pessoas humanas e morais? Que resposta estética formula diante das diversas epistemologias que visavam explicar o mundo e o ser humano?

Palavras-chave: Machado de Assis. *Quincas Borba*. Inconsciente.

Quincas Borba, segundo romance da fase madura de Machado de Assis, apresenta duas versões. Sua primeira versão corresponde ao mais longo processo de publicação de um romance machadiano e se estendeu pelas páginas da revista *A Estação*, entre os anos de 1886 e 1891. Entre essa primeira versão serializada e a versão definitiva em livro, existem, de fato, diferenças consideráveis, como rearranjo de parte da sequência do enredo, reescrita de trechos, cortes e acréscimos de texto. Além das

diferenças textuais mais evidentes, minha pesquisa propõe que as versões manifestam ainda problemas estéticos diversos. Minha abordagem considera a primeira versão como um documento privilegiado sobre o processo de escrita do romance machadiano que testemunha um momento singular em que, através do romance, elaborava-se uma resposta a um horizonte de debate externo e histórico.

As diversas instâncias técnicas do *Quincas Borba*, tanto na primeira quanto na versão final, apresentam um investimento de Machado na psicologia como uma fonte estética, pois estão eivadas por aspectos da psique humana. Dentre eles, chamou atenção a recorrência ao sentido de inconsciente, o que vem a ser objeto de interrogação desse trabalho.

Além disso, para minha hipótese, esse investimento é ainda reverberação de questões expostas na crítica de Machado de Assis ao romance *O primo Basílio*, de Eça de Queiros. À época, Machado repudiou a abordagem das personagens orientada pela “doutrina realista”. Na base de sua crítica estava a noção de que a concepção das personagens deveria se fundamentar na lógica necessária das ações advindas de seus conflitos morais, ou seja, na construção de uma verossimilhança interna sustentada pela envergadura da constituição moral das personagens, em conflito com o outro e o mundo. A poética do Realismo, na leitura do escritor brasileiro, ao contrário, parecia relegar as personagens a uma representação reificada e, por vezes, mesmo animalizada. Com ela, as pessoas de ficção eram como títeres movidas pelos cordéis do autor para demonstrar preconceitos amparados no pretense discurso científico da época, como animais determinados por instintos, pela raça e pelo meio.

Machado de Assis, no entanto, não refutava os discursos ditos científicos de modo estreito ou apático. Ao contrário, o espólio de sua biblioteca pessoal atesta a atenção dado pelo escritor a essas obras que, mais do que descrever a Natureza, articulavam toda uma visão de mundo. Em especial, diversos dos volumes indiciam seu interesse por obras que abordavam a psicologia do ponto de vista das ciências, as quais podem ter funcionado como uma fonte da investida, no *Quincas Borba*, em aspectos psicológicos. Dentre esses volumes, destaco a obra do filósofo alemão Eduard von Hartmann, *Philosophie de l’Inconscient*, que propõe, justamente, um conceito de Inconsciente como fundamento de um sistema filosófico e de compreensão do ser humano e do mundo. Hartmann opera a conciliação de duas visões antagônicas – a do Idealismo metafísico e a do *boom* das ciências naturais, de modo que a ideia do

Inconsciente aparece como o elo de compreensão entre a lógica da metafísica e a lógica do discurso das ciências modernas.

Em *Quincas Borba*, Machado faz um escrutínio das tramas de um intrincado jogo de interesses amorosos e financeiros, de modo que a dimensão subjetiva e intersubjetiva que sustenta essa trama se torna um aspecto estruturante. Assim, a investigação aqui proposta sobre o uso do conceito de inconsciente no romance é parte de um objetivo maior de minha pesquisa de mestrado, que pretende demonstrar como subjaz à primeira versão a tarefa de reelaboração de questões expostas naquele debate literário, por meio da análise das formas de inscrição da psicologia humana no romance.

A primeira versão do romance se torna assim um documento do processo de formação da consciência crítica de Machado de Assis diante dos discursos correntes em sua época, que buscavam explicar o mundo e a ação humana sob a égide das nascentes ciências modernas. Essa consciência crítica diz respeito igualmente a sua observação acurada das mudanças nas formas de subjetivação socialmente compartilhadas no Brasil, sobretudo a observação das tensões da subjetivação sob a forma do indivíduo – no caso do romance *Quincas Borba*, especialmente, em função da mimese do processo de modernização de uma sociedade escravista e, ao mesmo tempo, da capitalização das relações.

Em geral, as paráfrases do *Quincas Borba* salientam a via principal de seu enredo em que se deslinda o processo de alienação – mental e financeira – do protagonista Rubião, um provinciano pobre que herda uma fortuna de seu amigo e filósofo caduco, Quincas Borba. Essa mesma via pode ser compreendida desde o ângulo da empresa de ascensão social em que o casal de arrivistas Sofia e Cristiano Palha se empenha e que se realiza por meio da transferência de capital da herança de Rubião para os negócios de Cristiano – transferência sem sombra de dúvidas assegurada pela paixão que o herdeiro sente pela esposa do sócio.

A discussão que aqui proponho do aparecimento recorrente e singular da noção de “inconsciente” na primeira versão do romance *Quincas Borba*, tem por horizonte os dois enquadramentos anteriormente assinalados – o do problema de por que meios a linguagem literária pode apresentar personagens com estatuto de pessoas morais e humanas; e do sensível adensamento de aspectos concernentes à psicologia humana, sobretudo em função do esquadramento dos fenômenos da mente e da instituição e destituição do sujeito postas no romance.

*

Para respaldar minha percepção de que havia uma diferença substantiva no modo como a noção de inconsciente foi usada na primeira versão do *Quincas Borba*, procedi a uma pesquisa quantitativa e qualitativa do termo através dos romances machadianos. Com isso, foi possível estabelecer um parâmetro do modo como Machado utilizava o termo, e então se em *Quincas Borba* haveria diferença, tanto quantitativa, quanto qualitativa. Levei em conta o termo ‘inconsciente’ nas funções de substantivo e adjetivo; e também o advérbio ‘inconscientemente’ e o substantivo ‘inconsciência’, além do termo ‘incôscio’, por desempenharem extensão do mesmo sentido.

As quatro primeiras entradas do léxico “inconsciente” do *Houaiss - Dicionário Eletrônico de Língua Portuguesa* (2009) definem bem esses sentidos correntes que aparecem nos romances, ou seja, trata-se de usos pelos quais não necessariamente se visa à construção de um sentido conceitual ou de uma tese sobre o inconsciente, sendo usos não referenciados em uma área do conhecimento, como a psicologia, por exemplo:

1 que não é dotado de consciência; incôscio <a vida i. dos vegetais>
2 que perdeu o conhecimento, que está privado de consciência <um doente ainda i.> 3 feito de maneira irresponsável, inconsequente <uma política i. leva o país à ruína> 4 que acontece sem que se preste atenção; automático, maquinal, involuntário <gesto i.>

Os resultados foram os seguintes: no romance *Ressurreição* há 2 ocorrências; em *A mão e a luva*, nenhuma; em *Helena*, 4; em *Iaiá Garcia*, 4; em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1; na primeira versão do *Quincas Borba*, 9; na versão final do *Quincas Borba*, 5; em *Dom Casmurro*, 3; em *Esau e Jacó*, 2; e em *Memorial de Aires*, nenhuma. Do ponto de vista quantitativo, dentre todos os romances de Machado de Assis, incluindo-se a versão final em livro do romance *Quincas Borba*, a versão seriada foi aquela em que o termo mais recorreu. Assim, a comparação com os demais romances dimensionou o interesse de Machado pela noção de inconsciente à época da primeira redação pública do *Quincas* e permitiu concluir que o termo foi alvo de um interesse atípico.

Do ponto de vista qualitativo, a análise do contexto de cada ocorrência em cada romance revelou que no *Quincas Borba*, sobretudo em sua primeira versão, o termo inconsciente não apareceu apenas nas acepções comuns listadas anteriormente, como nos demais romances. A partir da noção de inconsciente, agregaram-se sentidos específicos, por trás dos quais parece haver um conceito. Em função do limite de páginas deste trabalho, os trechos analisados não serão trazidos, mas poderão ser encontrados no texto de minha dissertação. Fundamental para o que argumento aqui é relatar como as ocorrências definem o sentido de inconsciente na primeira versão do

Quincas. Primeiramente, elas permitem inferir que a mente humana é concebida, nesse romance, em duas instâncias: uma consciente e outra inconsciente.

A primeira é definida pela representação consciente que as personagens fazem de ações, gestos, pensamentos, sentimentos, seus ou de outros, bem como de uma racionalização deliberada, por meio da qual se definem enquanto sujeito único, e produzem julgamentos morais.

Já a instância do inconsciente é representada apenas pelo narrador, nela reside toda sorte de material subjetivo das personagens como ideias, significantes, intenções, afetos, memórias, que podem vir à tona ou permanecer na inconsciência, sendo reprimidos. Não raro, as causas ou origens secretas e verdadeiras de ações, pensamentos e intenções são inconscientes. O inconsciente também aparece como origem de disposições e impulsos que pertencem ao sujeito e o afetam, mesmo que ele não dê por isso. A noção de inconsciente compõe ainda uma tese apresentada pelo narrador sobre a busca do indivíduo pelo senso de unidade. O inconsciente, assim, guardaria uma lógica da Natureza atuante nos sujeitos, capaz de dirigi-los e afetá-los – embora não de determiná-los, à feição de uma lei ou de um destino inexorável. Essa última noção, que mais se aproxima de um sentido conceitual, é expressa no seguinte comentário do narrador:

A vida de Rubião carecia de unidade. Sem o perceber, o que ele buscava no casamento era a unidade que a vida não tinha. Sentia-se disperso e confuso; [...]

ainda assim, a vida pode ter unidade, - ou na alma ou na situação do homem. Nem a situação nem a alma do nosso homem estava em tal caso. A vida partira-se-lhe. Vivera mais de metade em outro lugar, com outras gentes, outros meios, outros horizontes. Não tinha aqui família; as relações eram de acaso e recentes, não cimentadas pelo tempo nem explicadas por outras causas mais íntimas e profundas. [...]

A alma era a mesma cousa. Não achava equilíbrio nem alimento em si própria. [...]

Rubião, às vezes, com saudades de Minas, recompunha a existência obscura de outro tempo. [...] Era simples, limitada ao pouco, mas igual a si mesma e estável; entre o homem e o meio existia comunhão de ideias, de reminiscências, de amor ou de aversão, de nojo ou de alegria, - de hábitos, ao menos. [...] Cá tudo era novo; nada fazia sentir nada.

[...]

Crê, leitor, tal foi a origem secreta e inconsciente da ideia conjugal. As outras explicações são boas, por serem razoáveis e até honestas, mas a verdadeira e única é a que aí fica. Crê ou fecha o livro. [...]

A causa era a que ficou dita. O matrimônio enfeixaria os esforços, recolheria em si o homem disperso, embora ele não soubesse

nada dessa causa verdadeira e única. Que sabe a aranha a respeito de Mozart? Entretanto, ouve com sumo gosto a guitarra e o piano. (ASSIS, 1976, pp. 95-96)

Nesse longo comentário do narrador ao estado moral do protagonista, emerge a ideia de que do inconsciente parte um impulso para que o sujeito busque se agregar como uma unidade. Esse impulso chega à consciência de Rubião sob a forma da ideia de se casar, que aparece conscientemente justificada por questões de ordem financeira, já que a herança de Rubião começava a se esfacelar, e diante disso talvez uma esposa estancasse o capital que se esvaía e que ele não era capaz de conter. No entanto, o narrador nos assegura que a causa “verdadeira e única” de tal ideia era a eminência da fragmentação do próprio sujeito. Embora essa sugestão do inconsciente chegue à consciência de Rubião, o personagem não será capaz de empenhar-se nela e acabará sucumbindo à alienação de seu eu e de seus bens. Num flerte com o absurdo, a curiosa comparação com a aranha que aprecia Mozart sem entender por que remete à ideia de que a Natureza possui uma lógica própria. No contexto dos primeiros sinais de desagregação do eu do personagem, essa lógica se expressa sob a forma de um dispositivo inconsciente que move o eu em busca de sua conservação, um dispositivo alocado numa instância também inconsciente da mente do sujeito, espécie de alarme protetivo contra sua autodestruição.

*

Segundo o “Catálogo atualizado da Biblioteca de Machado de Assis” (JOBIN, 2001), o escritor brasileiro teve em sua biblioteca pessoal ao menos quatro volumes do filósofo alemão Eduard von Hartmann, eram eles: *La religion de l’avenir* (1877), *Le darwinisme (ce qu’il y a de vrai et de faux dans cette theorie)* (1880) e os volumes um e dois de *Philosophie de l’inconscient* (1877). Ainda segundo o “Catálogo”, dois desses livros, *Le darwinisme* e o primeiro volume de *Philosophie de l’inconscient*, apresentam marcas de intenso manuseio.

Eduard von Hartmann foi uma espécie de *best-seller* mundial do século XIX, ainda que sua obra e teses tenham caído no esquecimento. Hartmann colocou em circulação, no pensamento ocidental, uma obra que erigiu um conceito de Inconsciente como centro de um sistema filosófico e de compreensão do ser humano e do mundo.

Trata-se de Filosofia do Inconsciente, ou *Philosophie de l’inconscient*, título na tradução francesa pela qual ficou mundialmente conhecida ao longo das décadas de 70 e 80 do século XIX. Désiré Nolen, seu tradutor para o francês, nos informa sobre o

sucesso que vinha obtendo desde sua publicação em 1869. Assim, já em 1877, a obra se encontrava em sétima edição francesa e fora objeto de discussão de pessoas de diversas partes da Europa e também da América.

Essa sétima edição traduzida para o francês foi possivelmente responsável por colocar Hartmann em circulação no Brasil, e vem a ser aquela encontrada na biblioteca pessoal de Machado de Assis. A meu ver, a aproximação do escritor brasileiro com as ideias do filósofo alemão teria se dado, num sentido amplo, por seu pensamento propor uma nova frente de explicação para as ações humanas. Eduard von Hartmann então despontava como última via do pensamento moderno a propor a conciliação de duas visões de mundo antagônicas – o idealismo metafísico e o *boom* das ciências naturais, que impulsionava mudanças na compreensão da vida e no sentido da verdade. Assim, a ideia do Inconsciente aparece como o elo de compreensão entre a metafísica e as nascentes ciências modernas.

A tese fundamental de *Philosophie de l'inconscient* é a de que o Inconsciente seria o princípio que produz e dirige todos os processos inorgânicos, orgânicos e mentais. No primeiro volume desta obra prepondera a análise de fenômenos da Natureza, relativos às diversas formas de vida orgânica, seja animal, seja humana, seja comportamental, seja fisiológica, com o fim de argumentar no sentido de que a eles subjaz o Inconsciente. Assim, todo um conjunto de experimentos produzido em base metodológica científica serve, na obra de Hartmann, à teorização metafísica sobre o Inconsciente.

Ao conceber que para cada elemento ou expressão objetiva da Natureza existiria uma contraparte metafísica, Hartmann conciliava a metafísica e a racionalidade das ciências experimentais. Todos os mecanismos engenhosos e deslumbrantes pelos quais se “descobria” então que a natureza funcionava, seu “design” inteligente – como os instintos, a evolução das espécies, o comportamento dos animais, a regeneração espontânea, o funcionamento dos órgãos etc – teriam sua finalidade regida pelo Inconsciente, como ação de uma lógica imanente e espiritual (ou não-material) no seio da Natureza. Toda a matéria seria uma função do Inconsciente, obedecendo a uma finalidade também inconsciente. Nesse sentido, o Inconsciente é entendido como a associação de uma Vontade e de uma Ideia – vontade inconsciente que impulsiona a um fim representado sob a forma da ideia, fim ao qual todos os processos se dirigem, descrevendo uma teleologia igualmente inconsciente.

Hartmann estava fortemente imbuído pelas tradições filosóficas que o antecederam, sobretudo o Idealismo alemão. O Inconsciente é formulado como a síntese de vários sistemas filosóficos, como os de Leibniz, Schelling, e principalmente Hegel e Schopenhauer. O ponto de convergência entre eles reside na ideia de que todo sistema filosófico aspira a reaver a unidade de tudo, o Absoluto. É com essa finalidade que boa parte dos capítulos, baseados nas descrições científicas da época, tenta deduzir um princípio comum que tudo explicasse. O Inconsciente é apresentado como o “Um-todo” (*l’Un-tout*), o indivíduo supremo, a unidade eterna, atemporal e absoluta, alma universal da qual advém a multiplicidade dos indivíduos e dos caracteres, segundo leis determinadas.

*

Minha pesquisa ainda não concluiu a leitura e análise das mais de 1200 páginas de *Philosophie de l’Inconscient*, mas até o presente momento, ao que tudo indica, Hartmann produziu uma explicação sobre as ações humanas na linha de um determinismo do Inconsciente, uma mescla de determinismo fundado na argumentação lógico-metafísica com o determinismo presente no fundo das explanação científica sobre a vida. Isso se torna mais evidente no capítulo em que Hartmann fecha o circuito entre a metafísica schopenhaueriana e o darwinismo, ao propor, por exemplo, a conservação da espécie como a grande Ideia inconsciente que determina o desenrolar da vida humana.

Machado, apesar de se aproximar da ideia do inconsciente, a subtraiu de uma lógica asseguradora de uma teleologia progressista. A noção de inconsciente tencionada dentro da ordem estética do romance teria impulsionado um desvio ao determinismo metafísico-científico. O nó proposto pela articulação estética da questão parece residir na desestabilização do narrador enquanto instância que assegura a verdade sobre as causas e explicações para as ações humanas. Provisoriamente, se pode dizer que o “realismo psicológico” proposto por Machado de Assis no *Quincas Borba* vai elaborar, dentro de certos limites, o descentramento do narrador como instância última a determinar a verdade em direção a uma mimese dos modos de estruturação e desestruturação dos sujeitos no jogo cerrado, porém não determinista, da imbricação dos processos psíquicos com o poder socialmente estruturado. De tal sorte que o

determinante do humano no romance continua sendo a própria ação humana no campo moral e histórico.

Referências

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba Apêndice*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

HARTMANN, Edouard de. *Philosophie de l'inconscient*. Paris: Librairie Germer, Volume 1 e 2, 1877.

JOBIN, Jose Luis (org.). *A Biblioteca de Machado de Assis*. Coautoria de Jean-Michel Massa. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Academia Brasileira de Letras: Topbooks, 2001.